



XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
Histografia da arte no Brasil: um balanço das contribuições recentes  
Homenagem a Walter Zanini  
26 a 30 de agosto de 2009 - Vitória, ES

## Arte e Cultura Visual

Ana Mae Barbosa (USP/ Universidade Anhembi Morumbi)

As relações entre os arte/educadores e historiadores da Arte com a Cultura Visual andam tensas no Brasil. A questão é metodológica, de conteúdo e contextual.

O grande problema dos que defendem a Cultura Visual a partir da importação através da Espanha que por sua vez importou da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Austrália, é a ignorância histórica acerca dos antecedentes dos Estudos Visuais e da Cultura Visual, sua derivada, entre nós.

Nos Estados Unidos há a consciência de que Cultura Visual começou a ser praticada na Arte /Educação muito antes de ser batizada com este nome. Kevin Tavin tem um artigo em português, mostrando como Vicent Lanier, June McFee, Laura Chapman e Brent e Marjorie Wilson praticavam os estudos culturais avant la lettre. Eu diria que Tavin esqueceu a arte/educadora pioneira da cultura visual nos Estados Unidos que foi Belle Boas, prof do Teachers College da Columbia University na década de 20 e posteriormente do Baltimore Museum of Art, citada por sua característica culturalista até por Gombrich.

Foi com ela e com Franz Boas que Gilberto Freire estudou e conviveu em New York e voltou para o Brasil para revolucionar os estudos sociais no Brasil. Ele foi no Brasil do ponto de vista de conteúdo e de metodologia o criador do que hoje se chama estudos culturais que são antes de tudo interdisciplinares, mas também campo expandido da Arte e metodologicamente analíticos da sociedade e seu cotidiano. Gilberto Freyre estudou a escravidão consultando jornais antigos, trouxe para a análise da sociedade o bolo Souza Leão e estudou o fenômeno tardio da criação de hotéis no Brasil tendo como argumento a natureza hospitaleira do brasileiro. Foi um gênio combatido pelos sociólogos da USP, coisa que até hoje não entendo pois conheci de perto um de seus desafetos, Florestan Fernandes, que era também um homem extraordinário principalmente pela visão política que faltou a Gilberto no fim de sua vida. Trabalhar com Cultura Visual ou Estudos Culturais não é ser necessariamente de esquerda, Gilberto foi de direita durante a ditadura.

Os que hoje usam a Cultura Visual como questão de fé o que ela não é, ignoraram a vinda ao Brasil de Richard Hoggard, um dos primeiros culturalistas da Inglaterra. Fiz um enorme sacrifício para trazê-lo em, 1989 a SP e ele deu aula apenas para 10 alunos e já se falava muito de

Estudos Culturais. Eu mesma já havia desfrutado do privilegio de frequentar em 1982, o Centro de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham , berço dos Estudos Culturais e da Cultura Visual (Richard Hoggard , Stuart Hall) graças à apresentação de um culturalista brasileiro. Paulo Farias, muito considerado na Inglaterra.

Tem muito que se falar ainda sobre a história que levou a academia a cunhar o termo Cultura Visual . E Svetana Alpers ?Esta historiadora da Arte holandesa está na raiz da criação do termo e dos modos de investigação contaminados pela sociedade. Para mim a mais importante revolução do pós- modernismo , dos Estudos Culturais e da Cultura Visual é a quebra do muro entre o erudito e o popular . O reconhecimento do” popular” no sentido americano, isto é a indústria cultural deu lugar ao reconhecimento do popular no sentido de produção do povo, como o usamos no Brasil. É sobre este último sentido do popular que vou falar.